

NEPAL: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO, ENTRE O SEGREDO E O REVELADO.

Walcler de Lima Mendes Junior¹

Juliana Michaello Macêdo Dias²

Resumo

Através de imagens e textos produzidos nessa viagem ao Nepal construímos uma forma discursiva que transita por 5 conjuntos de signos do sagrado/profano nepalês. Discursos referentes (1) à música dos mantras, bhajans e cantos de adoração em contraste com a música popular com forte influência ocidental e performance narcisista, (2) à grafia das escrituras sagradas em contraste com notícias, propagandas, cartazes e anúncios em inglês, (3) ao código das condutas em espaços do templo, da estupa e do monastério, as estátuas adoradas sobre *pujas* forrados com seda, prata, ouro, velas e incensos acesos, em contraste com o código de negociação e troca do comércio, vocabulário universal de gestos e expressões em que as mesmas estátuas, imagens, incensos, velas e adereços tornam-se souvenir, (4) às procissões em dias sacros, deuses e santos no andor, por sua vez, levado sobre a caçamba do carro do prefeito seguido por fiéis em ritmo lento, instrumentos tocados sobre carroças, coro de pergunta e resposta que harmoniza a multidão em contraste com o trânsito caótico e modos cosmopolitas de uso da cidade, (5) ao monge, seus gestos e indumentária em contraste com as pessoas comuns, a moda e suas conexões com o gosto ocidental. Viajar é carregar, mesmo para quem vai com pouca bagagem, toneladas de impressões, construções, comparações. Viaja-se levando nas costas o lugar de onde se veio e é dessa origem inventada para si que se vê o ainda não visto. As imagens e textos apresentados falam do brinquedo que inventamos para jogar o jogo do segredo e do revelado, conforme permitido pelo lugar de origem que trazemos nas costas ao longo da viagem. Não se trata de falar o que é segredo e o que é sagrado, mas o que assim construímos, nunca de forma espontânea ou revelada, mas na forma circunstancial e arbitrária com que se apresentou, naquele exato momento, em que o espanto e o familiar se digladiam. Os signos selecionados e apresentados por gosto, afeto,

¹ Jornalista, doutor pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ. Professor da Universidade Tiradentes, líder do Grupo de Pesquisa Nordesteanças.

² Arquiteta, doutora pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ. Professora da Universidade Federal de Alagoas, líder do Grupo de Pesquisa Nordesteanças.

repulsa, oportunidade e arbítrio constituem-se como labirintos de dizeres. O labirinto, por sua vez, expressa um gesto antropofágico que não pretende substituir o estranho pelo familiar, entendendo que diferenças e semelhanças se tecem e se rompem à medida do itinerário e do itinerante. No limite, essa apresentação, em dicção pessoal e etnográfica, desloca signos fixados pelo senso comum global e pela tradição local.

Palavras-chave: Nepal, Budismo, Hinduísmo, alteridade.

Pós-escrito

Iniciamos este artigo a partir de um olhar posterior e novo àquele de quando confabulamos a proposta original. Abalados pelo terremoto de escala gigantesca que varreu o país no final de abril de 2015, propomos olhares sobre as recentes destruições, tornando nossa mirada duplamente fantasmagórica: a foto que já traz uma ausência em si, traz agora a ausência de uma inexistência, isto é, no lugar de monumentos, as imagens remetem, a partir dos terremotos, aos escombros da mirada que levaríamos originalmente como proposta deste artigo. Não há como não tratar de escombros neste texto, feito agora de memórias já contaminadas pelas imagens repetidas na mídia de pessoas, bichos, praças, templos, casas, hotéis, lojas e pontes soterradas. Em meio a difíceis trocas de mensagem e contatos escassos, via mídias sociais, finalizamos o texto que aqui será apresentado sensibilizados com o drama de pessoas com as quais mantivemos contato ao longo da viagem.

Cadernos de Viagem

Como parte da série Cadernos de Viagem, do Nordeste Filmes, a experiência narrada aqui se ancora numa percepção de viagem em que não consideramos nem uma aproximação etnográfica ortodoxa, constituída através de uma compreensão do outro como irremediavelmente distante e apartado de nossas experiências, nem tampouco como turistas, perfilando signos num *checklist* que tende a estereotipar: templos, palácios, cerimônias, músicas, danças, convertidas em camisetas, chaveiros, DVD, CD, postais. A série organiza memórias e experiências de viagem em imagens, narrativas e diálogos com pessoas e lugares. Impressões pessoais, fábulas locais, contos, poemas e história oficial constituem-se como labirintos de dizeres em enfrentamento, guerrilha, gesto antropofágico. Esse gesto não vai substituir o estranho pelo familiar, o inaudível pelo audível, o ininteligível pela tradução, visto que, no gesto antropofágico diferenças e

semelhanças se tecem e se rompem à medida do itinerário e do itinerante. Os Cadernos de Viagem, em dicção pessoal e etnográfica, desconstróem mitos de origem, que apelam às necessidades de dominação, e estereótipos fixados no senso comum global e local.

Assim, quando quero falar de Cartago, é em mim que procuro aquilo que dela direi, e encontro em mim a imagem de Cartago; mas esta imagem recebi-a por meio do corpo, isto é, através dos sentidos do corpo, porque é uma cidade em que estive fisicamente presente, que vi, percebi com os meus sentidos, cuja memória conservo, de maneira que encontro em mim um verbo quando tenciono falar dela. Este “verbo” é a imagem que dela conservo na minha memória; não este som, estas três sílabas que pronuncio quando nomeio Cartago, nem tampouco o nome que penso em silêncio durante um certo intervalo de tempo; não, é o que vejo na minha alma quando pronuncio estas três sílabas ou antes ainda de as pronunciar (AGOSTINHO apud DERRIDA e FERRARIS, 2006, p5).

Procurar no encontro entre nosso corpo, nossa presença, e a do outro (arbitrariamente assim nomeado, como outro) o caminho de compreensão de um lugar. Entender este encontro como mediação, relação, choque, e permitir a observação do que se constrói enquanto relação. É assim que falaremos do Nepal. Trata-se do Nepal em nós, marca de experiências que se iniciam mesmo antes de haver nela um nome. Imagens de cordilheira, Everest, alpinismo, sherpas, templos, Budas, já se faziam presentes na imagem evocada pelo nome antes mesmo de nossos pés pisarem o lugar. Indeléveis, estas imagens marcam nossas impressões, irremediavelmente. O movimento posto em ação pela aproximação proposta nos Cadernos de Viagem não é, portanto, o de desdizer imagens prévias através de uma suposta “verdade da experiência”. Antes, implica em deslocamento dessas marcas através da sobreposição de infindas outras, que atravessam o choque proposto através dos encontros a que nos permitimos.

Segredos...



IMAGEM 1 | Olhos de Buda na Estupa Boudhanath. Foto: Juliana Michaello, 2015.

Procuramos não a compreensão e o desvelamento, mas antes, a possibilidade do segredo enquanto abertura para a interpretação, a assinatura, a marca. Desta forma, não pretendemos *a verdade* - nem mesmo *uma verdade*, em perspectiva – mas uma marca em aberto, na qual inscrevemos algo nosso no signo Nepal, que nos interpela de volta e que, quiçá, dissemina o jogo nos leitores/espectadores.

Dar a ler ao outro significa também deixar desejar, ou deixar ao outro o lugar de uma intervenção por meio da qual possa escrever a sua interpretação: o outro deverá poder assinar no meu texto. E é aqui que o desejo de não sermos compreendidos significa simplesmente hospitalidade à leitura do outro e não recusa do outro (DERRIDA e FERRARIS, 2006, 48).

Ao mesmo tempo, há o outro a quem vamos encontrar, previamente assim inventado, o outro que já foi contaminado por expectativas e devires que se acumulam antes mesmo de um primeiro pensamento nos levar a caminho do Nepal. Não podemos responder por esse outro, não podemos determinar por ele porque se auto representar lhe seria importante e que vantagens colheria do ato. Não podemos determinar o porvir, o devir, sempre imprevisível, mas podemos nos abrir ao “outro”, gesto, política, hospitalidade, receber dele o que trouxer de singular entre as subjetividades, interesses e objetos que trará, ao acaso, de forma aleatória, para este encontro que nenhuma teoria seria capaz de predeterminar. Não se busca, assim um “método do encontro”, tratando ambos, nós e os outros, como previsíveis, lisos, vazios de incompletudes e incoerências.

Entre os traços que a expectativa, o salto de fé, as artes de adivinhação imaginam: um abraço, um sorriso, uma lágrima, um dinheiro, uma contrapartida, um emocionado beijo

de despedida, um desencontro, um gesto de indiferença, um mal-entendido, um aprendizado, um agradecimento, uma revolta, um riso sarcástico, uma negativa, um silêncio, mas essas previsões serão menos vastas que as possibilidades que o encontro favorece. Isso não é lido, no entanto, como vulnerabilidade, fraqueza, incapacidade de controle, ou ainda passividade ou debilidade que nos paralisa frente ao outro. “*Abrirmo-nos ao que vem pode ser um modo de nos expormos ao porvir ou à vinda do outro, à vinda do que não depende de mim*” (DERRIDA e FERRARIS, 2006, 81).

Irrepetíveis, singulares, fugazes, contingenciais, as narrativas de que nos valemos nos cadernos procuram as disjunções, as diferenças, os rastros, os paradoxos. Como que para rasurar espaços estabelecidos nos livros, nas falas, nos atlas, nas fotografias, mas em nós, nos outros.

Nenhuma repetição esgotará a novidade daquilo que vem. Ainda que se pudesse imaginar que o conteúdo da experiência se repete totalmente, que é sempre a mesma coisa, a mesma pessoa, a mesma paisagem, o mesmo lugar e o mesmo texto que regressa, já o simples fato de o presente ser novo basta para mudar tudo (DERRIDA e FERRARIS, 2006, 92).

Como não nos é dado ser o outro, como nosso encontro com o outro é sempre contingente, mediado, circunscrito, dialógico, podemos apenas narrar o que nos é permitido encontrar, acessar, perceber, traduzir, contar. Nosso testemunho é assim um instante do outro em nós. Nossos cadernos poderiam ser também “*um catálogo, enfim, uma iconografia ou uma pasta ou, mais exatamente, uma iconografia em que se recolhem, escrevem ou descrevem traços, isto é, no fundo, segredos*” (DERRIDA e FERRARIS, 2006, 11).

Traremos alguns desses traços inscritos em nós a partir destes encontros ocorridos ao nos chocarmos com um Nepal, agenciado por “outros” que nos conduziram por espaços e ritos. A narrativa através do fragmento tem por mote a sobreposição de camadas elencadas por nós no encontro com lugares, pessoas e nossas compreensões destes instantes. O iconográfico será o mote e para tanto as imagens aqui presentes são apresentadas como discurso e não como ilustração.

... sagrado



IMAGEM 2 | Fiéis rezam em meio ao caos do centro de Kathmandu. Foto: Juliana Michaello, 2015

O sagrado não é vivido no Nepal da maneira como ele aparece no ocidente, como algo quase apartado do cotidiano, ligado a afetos de excepcionalidades. “O completamente outro” de Rudolf Otto. Músicas, espaços, oferendas, rezas invadem e são invadidos pelas múltiplas solicitações provenientes de uma vida urbana cada vez mais profusa – no caso do Vale de Kathmandu – e de afazeres domésticos que emprestam intimidade à relação com as divindades. Há espaços e tempos vedados aos olhos ocidentais, mas não necessariamente este velamento diz respeito a uma interdição de fato, mas sim de uma dificuldade de acesso aos códigos que discretamente delimitam o sagrado. Tal é a relação entre os nepaleses e as religiões que os deuses personificados tomam forma humana não apenas nas representações pictóricas e escultóricas presentes aos montes em todas as ruas, veículos, casas e lojas, mas também na forma de pessoas consideradas deuses vivos como a Kumari Devi, divindade vivente na forma de uma menina que perde o posto assim que menstrua. O sagrado ainda assombra a moça depois de perder seu encanto transcendental. Diz-se que é um mau agouro casar com uma Kumari – os menos devotos explicam com falas cétricas: deve mesmo ser duro atender aos apelos e caprichos de uma moça que até o início da puberdade era adorada por toda uma cidade.

A morte também aprofunda essas relações e as três principais religiões mantêm seus rituais de modo bem específico em lugares que se transformam em marcos desta mediação. Os hinduístas queimam seus mortos às margens do Rio Bagmati, em Kathmandu. Os budistas fazem o mesmo, mas nas montanhas, para que o vento leve as almas para o céu. Atrás dos Himalaias, os xamanistas cortam os corpos e alimentam os pássaros, com o mesmo sentido. Depois do terremoto ocorrido em abril, o complexo de *gaths* e templos em Pashpatinath viveu seus dias de maior movimento. Quando nele estivemos, meses antes, era um lugar muito visitado, onde casais se encontravam, crianças brincavam de alimentar os macacos (Pashpatinath foi uma das encarnações de Shiva – o Shiva dos animais), turistas empunhavam suas câmeras fotográficas, enquanto corpos eram cremados nas escadarias que margeiam o rio.

A crença na roda eterna do carma, presente tanto no budismo quanto no hinduísmo, é fundadora de uma perspectiva de retorno cíclico e ao mesmo tempo projeta um sentimento do sagrado ampliado e disseminado na forma e todos os entes viventes. A iluminação é o cessar desse jogo infinito das reencarnações e a vida de um adepto das suas religiões principais do Nepal passam todos os momentos da sua vida conscientes da necessidade de purificação como passo para a iluminação, o nirvana.

Fragmentos dos encontros

Uma vez que este artigo caminha para uma aproximação entre nós e o Nepal através do paradigma da viagem e do encontro, contingencial, marcado pelo acaso e pelos atravessamentos possíveis entre nós e aqueles que constituímos violentamente “outros”, passamos para alguns fragmentos desta experiência, que poderiam ser diferentes conforme o diálogo que pretendemos.

(1) sonoridades



IMAGEM 3 | Sonoridades em procissão em Bakhtapur, sons de harmônio, deusa musicista e ruídos de motores se juntam na paisagem sonora. Foto: Juliana Michaello, 2015.

Uma diferença mais perceptível entre a prática musical que opera territórios do sagrado, a partir de uma matriz budista ou hindu, e aquela que se inscreve como música de mercado, logo de base profana, expressa-se na condição *ex-machine* do sujeito que produz ou participa da prática musical. Enquanto a marca de excepcionalidade, condição autoral, condição do artista como distinção que se expressa através da música é algo que seria inseparável da condição do “músico” que pretende operar no território do mercado fonográfico e suas adjacências, o mesmo não ocorre em se tratando de música ritualística ou de cotidiano das vilas do entorno de Kathmandu. Aqui, o “músico” não desfruta de uma pré-condição, um “dom”, uma excepcionalidade, mas, sua prática está inserida na normatividade do cotidiano, tão imprescindível quanto os que preparam o *prasad*, refeições sagradas, os que ornam e realizam os *pujas*, em que se acomodam as imagens de gurus e deuses do panteão hindu e budista.

A música dos mantras, bhajans e cantos de adoração repercutem nas ruelas das vilas em contraste com a música popular em estética ocidental e narcisista que soa de caixas de som, de carros e de alto-falantes amarrados em postes. O giro pesado das rodas de oração, o badalo dos sinos, o toque dos címbalos em contraste com as buzinas, o ronco dos motores, a gritaria do comércio. O silêncio das montanhas em contraste com as avalanches e o devir terremoto que nunca se espera, mas espreita o imaginário até o dia que irrompe a realidade como ferida, trauma. As rodas de tambores, as músicas dos casamentos, os sons dos Himalaias, prenúncios de catástrofe imprevisível. O silêncio de Buda, na longa meditação sob uma árvore.

Os gritos de protesto das greves e a correria dos jovens maoístas anunciam alguma utopia comunista anacrônica? Essas greves que interrompem o país, com certeza, despertam a ira dos comerciantes, dos trabalhadores e patrões do setor de serviços voltados ao turismo, hotéis, excursões, etc. Mas, saímos sem ter muita certeza do que se trata, afinal. É um partido apoiado pela maior parte da população pobre, logo, um partido de massa que demanda por transformações sociais radicais, operando sobre a recente democracia, atacando as profundas desigualdades dessa sociedade, em ritmo lento de ocidentalização e modernização ou se trata de um oportunismo golpista a serviço da expansão da dominação chinesa sobre o território nacional nepalês? Utopia ou barbárie? O grito revolucionário, o mantra, a buzina, o badalo no pescoço da vaca que aqui também é sagrada, considerando a maioria hindu. As maracas das procissões, o harmônio, instrumento de fole e teclas que se toca ao nível do chão, o tambor que se sustenta ao nível do abdômen por uma corda passada pelo pescoço. E assim caminhando lá se vai a horda de músicos e fiéis que formam uma serpente de gente que desliza de vila em vila, cantando com empolgação versos, a nós familiares, como Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare. Mudam-se a língua, as imagens, os deuses, as músicas, os ritmos e as pessoas, mas o nome procissão serve as mesmas romarias que vão de Piranhas a Juazeiro do Norte ou de Nalang a Bandipur.

(2) grafias



IMAGEM 4 | Grafias sagradas e profanas, escrita dos mantras nas rodas de oração. Fotos: Juliana Michaello, 2015

Escritos nas rodas de oração, mantras são postos em ação quando as mãos dos budistas em deambulação as colocam em giro. O mantra, como som repetido para dentro da alma, ecoa nas rodas sem que os escutemos. Multiplica-se em bilhões de preces por minuto, que são elevadas aos céus, ao girarem aos quatro ventos, espalhando seus benefícios além do tempo e do espaço. Grafia imperceptível, inaudível, rastro, não-elemento, mas, todos sabem que se trata de algo que está lá, por isso, giram a roda mesmo que para não ouvir com os ouvidos. O ouvido momentaneamente torna-se um órgão sem corpo, sem lugar no corpo, insensível ao que não se ouve, mas se tem certeza de estar lá. O inaudível som que soa além ou aquém dos sentidos ordinários. Signos do mistério, grafia que não se revela, sequer como tradução, hieróglifos invisíveis escritos sobre papiros de vento que sopram e ecoam já como fragmentos entre as montanhas que protegem e ameaçam as vilas. Tanto sacro-segredo já contrasta com o inglês regionalizado dos anúncios, cartazes e propagandas de televisão que onipresente vende, em estética sub-bollywoodiana, mais uma marca de sabonete, pasta de dente, moto, carro, apartamento, seguro, computador, celular, smartphone, Iphone, Ipad, Ipod e todo bric-à-brac da indústria da informática que torna o mundo menos estranho. O mundo é globalizado pelas marcas. Em um café, no estilo europeu ao lado da Praça Durbar, já era possível ler o cardápio em inglês, e guardar uma postura muito cosmopolita, ninguém se olha, todos têm a mirada voltada para seus suportes digitais e os poucos que conversam falam baixo como se se tratasse de ambiente sagrado. Então, não se trata mais de um labirinto de inscrições em que nada se pode ou mesmo se deve traduzir, em nome de transformar o estranho em familiar para facilitar e tornar seguro o deslocamento em território alheio. Hotel, taxi, café, restaurante com cardápio, comanda e preço, para não falar das lojinhas para turistas com milhares de bugigangas, *made in china*, que sempre nos fazem perguntar: será que tem gente no

mundo para comprar tudo isso? Então trata-se de um labirinto de fato, entre ruelas de signos obscuros, gritos, apelos, interpelações que nada nos dizem de inteligível, tiramos conclusões parciais, interpretações baseadas em gestos vagos, em que nós dolo-prazeirosamente nos perdemos sempre que possível. E esse pensamento no momento em que elaboramos essa apresentação nos remete imediatamente ao labirinto de Borges que diz:

Esse é o labirinto de Creta. Esse é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro. Esse é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja trama de pedra se perderam tantas gerações. Esse é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja trama de pedra se perderam tantas gerações assim como María Kodamo e eu nos perdemos. Esse é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja trama de pedra se perderam tantas gerações assim como María Kodamo e eu nos perdemos naquela manhã e continuamos perdidos no tempo esse outro labirinto (BORGES, 2010, p.91).

Esse deve ser o modo de caminhar em labirinto, repetindo a grafia, o som dos mantras repetindo-se tal qual o ciclo renascimento-morte-renascimento-morte-renascimento dos seguidores de Shiva e Buda. Porém, ao término de cada ciclo, nunca se retoma do mesmo lugar, um elemento novo é introduzido, uma linha de fuga que torna passado o que se viveu e abre a possibilidade de movimento pela repetição e não esquecimento daquele mesmo passado cada vez mais longe mas ainda presente no texto. Por isso a frase “Esse é o labirinto de Creta...” se repete a cada recomeçar do texto, de outra forma seria impossível avançar. Caminhar no labirinto implica em perder-se, mas também em repetir trajetos, marcar os caminhos e adotar rituais e cerimônias diários que permitam criar o sentido de se estar em casa, ainda que dentro do labirinto. A repetição, num ciclo disseminante onde cada ação altera o ser – o que no budismo leva à compreensão da ausência de ser – é compreendida como o caminho. Cada novo renascimento, uma reterritorialização, um novo ponto do labirinto a que fomos levados pelas linhas de fuga presentes nas muitas vidas pelas quais passamos. Buda, acredita-se, teria vivido 547 vezes antes de atingir a iluminação. O ciclo de retorno em novas vidas, antes de apresentar uma espécie de escrita divinatória, como um destino traçado pelos deuses, é constituído através de pequenas disjunções, novos caminhos construídos pelo cantarolar um *em casa* ao redor de nós, sempre novo, aberto a outras possibilidades.

Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando (...). Agora, ao contrário, estamos em casa. Mas o “em-casa” não preexiste: foi preciso traçar um círculo (*cantarolando*) em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado. Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças

germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita. Agora, enfim entreabrimos o círculo, nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 116-117).

(3) corpos

Outra menina está numa sala, no escuro. Ao seu redor, cabeças de búfalo são iluminadas enquanto homens mascarados dançam sob sons apavorantes. Se a menina não mostrar sinais de medo, ela será escolhida como a nova Kumari Devi, a deusa viva, que personifica uma encarnação de Durga. Além desta última prova a menina deve atender a 32 atributos físicos e perderá sua condição de deusa à primeira menstruação ou perda significativa de sangue. A Kumari pode ser vista no Nepal como um indicativo do imbricamento entre divindades e corpos.



IMAGEM 5 | Deuses e seus diversos corpos. Fotos: Juliana Michaello, 2015.

As estátuas, cultuadas e respeitadas nos templos, repetem-se indefinidamente, em séries empilhadas sobre prateleiras das infindas lojas de souvenir no bairro de Thamel. Não raro, as estátuas das divindades se mesclam a animais mitológicos e muitas vezes os corpos dos deuses aparecem parcialmente desnudos ou mesmo em pleno ato sexual. Essas esculturas de sacro-erotismo são explicadas de diversas formas, sendo uma das mais disseminadas a de que a deusa hindu dos raios seria uma virgem pudica, que não teria coragem de lançar seus raios num templo com esculturas eróticas. Esta seria uma maneira de proteger os templos de madeira dos desastres naturais.

O corpo desvelado dos deuses reproduzido em imagens que são alimentadas nos *pujas*, aproxima e remarca a relação com o panteão de deuses, eles mesmos apaixonados e raivosos, capazes de cometer atrocidades e expressar caprichos quase humanos e muito distantes do ideal divino judaico-cristão. Histórias de encantamento, paixão e guerra perpassam as divinas biografias e os costumes de agradar ou castigar os deuses para

encontrar seus favores, tal qual o Santo Antônio de cabeça para baixo, se especifica nos tratos às imagens de bronze, madeira, biscuit ou resina.

Comer sempre com a mão direita, sentar no chão a hora das refeições, quando nos templos: sentar com os pés embaixo do corpo, respeitar o caminhar sempre na mesma direção. Cobrir a maior parte do corpo, ainda que com menos austeridade que nos códigos de conduta mulçumanos.

Fonte do desejo e, portanto, da degradação, o corpo não é punido como no cristianismo, mas domesticado. O ascetismo marcando um dos limites deste velamento do corpo, contrastado com a massa densa de corpos nas enormes cidades, que se chocam o tempo todo e são seduzidos por aromas, sabores, cores, sons. As mãos dos casais, como na Índia, não se tocam em público, enquanto homens unidos por laços familiares ou de amizade, transitam pelo trânsito caótico abraçados ou de mãos dadas. Ameaçam cair de cima das motos ou provocar atropelamentos para manter a mão sobre o ombro do outro.

Sobre os corpos *sarees* multicoloridos, véus sobre os cabelos, jeans e camisetas *I love Nepal*, calças de algodão, casacos da marca North Face, *made in China*, tal qual os tênis Adidas e as falsas pashmimas vendidas nos camelôs de calçada, máscaras para aguentar a infernal poluição de Kathmandu, roupas coloridas dos *sadhus*, cabelos neogóticos inspirados na estética ocidental, coturnos europeus. Os corpos de bronze das divindades igualmente cobertos de flores, incensos, pós coloridos, sedas, parafina das velas.

(4) movimentos



IMAGEM 6 | Girando as Rodas de Oração. Fotos: Juliana Michaello, 2015.

Para se chegar aos olhos do Buda no Templo dos Macacos, sobe-se 365 degraus – um para cada dia do ano. Este é um templo de peregrinação para budistas e hinduístas que acreditam neste movimento do corpo como um caminho para o autoconhecimento. De cima da colina, o templo com os olhos do Buda abençoa a cidade por entre as bandeiras de boa sorte estendidas em varais que muito parecem as bandeirinhas de arraial e festas juninas brasileiras. Ao subir, o movimento das deambulações segue seu curso e os corpos

giram ao redor do templo circular. Mesmo quem não está ali para a oração é convidado a manter o mesmo sentido do fluxo de pessoas que circundam o domo. O Templo dos Macacos que povoou os mitos de muito adolescente da classe média ocidental, os grandes olhos de Buda pintados no centro da foto de capa da revista National Geographic, passados tantos anos, agora jaz em escombros, os tetos dos templos derrubados, a escadaria em pedaços, mas nossas preocupações se concentram nos macacos, mães, líderes, filhotes, tiveram tempo de escapar?

As deambulações budistas são ainda mais visíveis na estupa de Boudhanath. Ao redor delas uma verdadeira multidão dá voltas, recitando mantras. Nas mãos um rosário de contas, ele próprio instrumento de meditação, o *japamala*. Circular, deambular, rodar. Estes são verbos importantes dos rituais budistas. O sentido do movimento é sempre o do movimento do sol e do relógio. Assim o vento levará os pedidos para Buda. Giram sempre no mesmo sentido, andando as contas do *japamala* pelas mãos e recitando o mantra da compaixão: om mani padme hum... om mani padme hum... om mani padme hum.

Além do movimento circular budista, há os diversos movimentos hinduístas de respeito, rito e festa. O ponto alto nas nossas visitas às pequenas vilas foi acompanhar uma procissão com direito a andor, carro da prefeitura e mulheres, como beatas, a cantar nos timbres agudos palavras de adoração às entidades que bem poderiam estar fazendo a vez dos nossos santos padroeiros. O prefeito com cara de Odorico Paraguaçu termina seu discurso e a romaria ganha forma retilínea em direção a outras vilas. Novamente o labirinto aparece como modelo para tratar desse percurso, aparentemente linear, dos rituais processionais. A cidade que vimos atrás da procissão se amplia em ruelas, infinitas lojinhas, becos sem saída e direções confusas. Os cantos sobressaem, mas igualmente presentes são o cheiro dos incensos e o colorido das roupas dos seguidores, dos ornamentos meticulosamente colocados sobre as imagens da deusa, o andor decorado.

Nas ruas comerciais de Kathmandu, por outro lado, chocam-se, incessantemente, pessoas, animais, automóveis, *rickshaws*, motos, carros de mão. Vaca, boi, jumento, carroça, motos, automóveis de todos os tamanhos, caminhões, ônibus, tendas, barracas de frutas e verduras, toldos, camelôs, pedestres, ambulantes, vira-latas e mendigos todos dividindo o mesmo espaço que é rua e que é também calçada dependendo da ocasião e do freguês. O movimento é frenético, em ritmo acelerado marcado pelas incessantes buzinas que parecem antecipar ou mesmo prevenir os aparentemente inevitáveis choques no trânsito intenso.

(5) reclusões



IMAGEM 7 | Reclusões e aberturas digitais. Fotos: Juliana Michaello, 2015

No budismo o monasticismo não é vivido como reclusão, mas como ascetismo. O *sangha* (mosteiro) é dependente da ajuda da comunidade que o circunda para provisões de comida e vestimentas e devolve a ajuda através de ensinamentos em contato com a comunidade. Novamente, a linha traçada entre o caminho monástico e o seguidor comum das doutrinas, ainda que especifique regras de conduta distintas, são complementares, uma vez que o “não possuir” do monge deve ser complementado pela necessidade de doar dos seguidores não ascetas.

Nas cidades e monumentos visitados por turistas, os monges em suas vestes laranjas tiram *selfies*, fotografam com as mesmas câmeras digitais, sorriem timidamente e se transformam, eles próprios, em monumentos móveis, espreitados por olhares quase sempre indiscretos.

Em busca de um silêncio meditativo, o ensinamento budista do não afastamento do mundo nos interpela. Ficamos hospedados numa rua secundária no bairro de Thamel, num hotel com pátios internos, jardins de meditação e muros que mantinham o barulho da cidade do lado de fora. Mas, era só dobrar uma esquina que a babilônia se apresentava. Lojinhas de todos os tipos com roupas e acessórios exuberantes, estátuas de bronze de todos os deuses e santos que o hinduísmo e o budismo acolhem, tapeçarias, pinturas, especiarias, essências, restaurantes, lojas de música, livrarias.

Mas, reclusão de fato, só mesmo no único dia de greve geral quando fomos aconselhados a não deixar o hotel para nossa própria segurança. Quando, já no meio da tarde tomamos coragem para sair, as ruas começavam a ganhar vida, as lojas timidamente abrindo as

portas de ferro, ambulantes se acomodando nas calçadas e um ar de normalidade voltando a cena pública.

Conclusão

Passado, agora, meses da viagem e da catástrofe, imagens, filmes, fotografias, catálogos, nomes escritos em revistas e livros, coisas como roupas, pequenos objetos e quadros ainda não emoldurados vão substituindo o lugar do que certa vez foi lembrado como pura experiência, acontecimento, casos, conversas, confabulações ao término do dia no quarto do hotel em torno do que foi cheiro, gosto, relevo, degrau para subir, calçada para desviar de carro, buraco para saltar sobre, gente para esbarrar, lojas de prateleiras em que se equilibram livros de todas as línguas, colares de contas de todas as sementes e assim por diante. Tal qual as fotos e filmes que fomos compondo no decorrer do percurso pelo Nepal, as imagens da catástrofe que chegaram pelas mídias, internet, televisão, revista e jornal completam esse movimento de afastamento de estranhamento sobre a viagem. Vamos nos transformando naquelas imagens produzidas por nós ao mesmo tempo em que estas já vão se contaminando das imagens midiáticas da catástrofe o que confere um duplo efeito de contaminação, rasura, afastamento.

A espera de um devir dobra, desejamos que esse texto venha a contribuir, não no sentido de uma retomada, uma rememoração do que se viveu um dia no Nepal, mas como nova experiência que reorienta e desorienta certo oriente que a partir de agora emerge de dentro de nós.

Referências

- ALTER, Andrew. *Mountainous Sound Spaces*. New Delhi: Foundation Books, 2014.
- BORGES, Jorge Luis. *Atlas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques e FERRARIS, Maurizio. *O Gosto do Segredo*. Lisboa: Fim do Século, 2006.
- GAARDER, Jostein et al. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PARK, Jin Y. *Buddhisms and Deconstructions*. Delhi: First Indian Editions, 2011.